

Sobre Escrita e Oralidade

Ricardo Azevedo

O texto abaixo foi extraído, com várias adaptações, de diferentes partes do livro *Abençoado e danado do samba – Um estudo sobre o discurso popular*, Edusp, 2013. No geral, o objetivo do estudo foi discutir o que poderia caracterizar um “discurso popular”. Fiz isso, em resumo, por meio do levantamento de quais as premissas culturais e a partir de que recursos costumam ser criadas as letras de samba. Utilizei como contraponto as letras do Tropicalismo. Meu interesse sobre o assunto sempre foi grande pois creio que quem escreve tendo em vista a leitura de crianças e jovens recorre exatamente a este discurso, principalmente quanto aos recursos e procedimentos com a palavra.

Parto da ideia de que, para compreender um discurso que poderia ser considerado popular, é preciso constatar que estão em jogo pelo menos dois modelos construtivos: pode-se escrever “como quem escreve” e pode-se escrever “quase como quem fala”.

Vamos imaginar que alguém precise transmitir um recado importante.

Se o tal recado for dado por escrito, seu autor vai escrever o recado em casa sozinho, portanto, livre e independente da situação face-a-face e de um contexto determinado, temporal, concreto e situado. Por essa razão, em tese deverá construir um discurso mais complexo; afinal, precisará estruturar sua mensagem numa certa ordem para que sua argumentação fique transparente, esclareça os pontos essenciais e entre em detalhes para que o que ele quis dizer esteja representado no texto.

É que o leitor mais tarde, com texto na mão, não poderá dizer: “Não entendi! Explique melhor.”

Livros técnicos e didáticos são escritos de forma clara e objetiva – sem subjetividade – pois pretendem que 100% dos leitores tenham uma mesma e única interpretação.

O mesmo autor, por outro lado e se quiser, poderá ser subjetivo, buscar a originalidade, recorrer a artifícios de linguagem, inventar palavras novas, arriscar-se a certas ambiguidades, utilizar metáforas inovadoras, experimentar jogos sintáticos, fragmentar, parodiar, estilizar, fazer, por exemplo, citações ou ilações e, até, optar pela sobreposição dos códigos verbal e visual, uma vez que o texto está escrito no papel. Poderá também abordar temas obscuros de seu exclusivo interesse pessoal. Poderá ainda ser propositadamente agressivo, até porque não há nenhum perigo de revide.

Não pode ser descartada a possibilidade, num recado escrito, de que para seu autor seja indiferente ser compreendido ou não. É possível até imaginar que ele seja intencionalmente incompreensível, ambíguo, obscuro e hermético. Conhecemos textos assim. Tais posturas e recursos são possíveis porque, note-se, no texto escrito, o leitor poderá ler e reler várias vezes, consultar dicionários, pedir a opinião de outras pessoas, refletir sobre o que leu e, assim, gostando ou não, construir, se for o caso, sua interpretação.

Aliás é importante frisar que, ao escrever “para ser lido”, todo autor conta automática e necessariamente com uma “interpretação”. Vale lembrar também que todo texto escrito é obrigatoriamente um solilóquio, pois o orador está falando sozinho.

É certamente importante para o escritor, ou para quem pretende escrever, ter claro de que esse conjunto de posturas e recursos representa não “o” mas “um” modelo construtivo de onde pode partir para criar e desenvolver seus textos.

É preciso compreender que se o mesmo recado for transmitido oralmente, a coisa muda de figura.

Não costuma fazer sentido, numa comunicação face-a-face, uma pessoa – salvo em casos especiais como o recurso da ironia por exemplo – falar uma coisa para dizer outra. Também não faz sentido falar de viva voz e entrar em muitos detalhes, pois isso seria enfadonho, dispersivo e pouco produtivo. A comunicação face-a-face quase sempre exige concisão. Basta pegar um conto popular, João e Maria por exemplo. Trata-se de uma história complexa, cheia de partes e situações, entretanto o narrador consegue ir do começo ao fim do enredo em relativamente pouco tempo. O mesmo se dá com “A bela adormecida”, “Branca de neve” e, na verdade, todos os contos populares. Isso é concisão.

Não faz sentido ainda numa comunicação oral abordar assuntos através de pontos de vista demasiadamente singulares. Nem é aconselhável partir para as citações. É melhor evitar falar em outras línguas. É melhor fugir de sintaxes experimentais e pouco usuais. É arriscado inventar palavras complicadas ou recorrer a imagens e metáforas obscuras ou pessoais demais. Outra coisa: o falante que resolver ofender o ouvinte corre o sério risco de levar uma surra.

Em outras palavras, o discurso escrito e o discurso oral face-a-face obedecem a estratégias mentais e a modelos construtivos distintos e que podem ter objetivos diferentes. No contato direto, o que eu quero dizer e o que eu digo devem ou tendem a estar sempre sobrepostos. Se isso não ocorrer alguém logo vai gritar: “Calma aí, não entendi o que você disse!”

Se há uma característica fundamental de um discurso que pretenda ser popular – leia-se acessível a pessoas de diferentes graus de instrução, classes sociais ou faixas de idade – é o fato de ser criado e construído, tanto faz se oralmente, por um poeta analfabeto, ou através da escrita, por um poeta alfabetizado, tendo como pressuposto e ponto de referência a comunicação oral, ou seja, a situação da comunicação feita face-a-face e suas implicações.

Tento dizer que existem textos criados para serem escutados no contato face-a-face e compreendidos com imediatez. Neste caso, o escritor escreve mais ou menos como se estivesse falando e o leitor de certa forma lê como se estivesse ouvindo uma fala dita de viva voz.

Por outro lado, existem textos criados principalmente para serem lidos. Neste caso, o leitor leva o texto para casa, lê várias vezes, medita, consulta outras fontes, recorre a dicionários, analisa e estabelece sua interpretação. Esse modelo de construção implica determinados recursos e pode ser chamado de modelo hegemônico, oficial e escolarizado. A maioria das pessoas que chegou até aqui certamente está familiarizada com ele.

Ter consciência da existência desses dois modelos construtivos – um marcado pela escrita e outro pela fala – e saber explorá-los pode ser valioso, creio eu, para todos aqueles que escrevem ou pretendem ser escritores.

Mesmo estudantes do Fundamental 2 e do Ensino Médio vão lucrar e muito se forem levados a compreender essas duas ricas alternativas construtivas na hora de partir para escrever suas redações.

Como o espaço é curto vou citar apenas alguns recursos típicos do discurso oral.

- 1) O discurso como *expressão da ação* (enquanto a linguagem da cultura escrita tende a ser *descrição da ação*). No primeiro caso, o discurso é “transitivo” pois fala “de dentro”, “a partir” ou “no” assunto e não “intransitivo”, aquele que analisa de forma distanciada e fala de fora “sobre” ou “do” assunto, muitas vezes de maneira impessoal (sobre assunto: Muniz Sodré, *Samba, o dono do corpo*, Mauad, 1998).
- 2) O discurso construído a partir de imagens visualizáveis relatando cenas e atos concretos, capazes de emocionar e gerar identificação, ou seja, afastados de imagens e conceitos abstratos, teóricos e descontextualizados.
- 3) O discurso construído em função da *memorabilidade*, ou seja, recorrendo a recursos mnemônicos como fórmulas, frases feitas, ditados, rimas, ritmos e vocabulário utilizado tendo em vista a compreensão e memorização imediatas.
- 4) A tendência à narratividade: enredos lineares e acumulativos, com começo, meio e fim (portanto nada de elementos desarticulados e fragmentados apresentados de forma caótica, “caleidoscópica”, “justaposições insubordinadas”, fluxos da consciência etc.).
- 5) E por último a tendência, essencial a meu ver, de unificar o *ato locucionário* – o que foi dito – e a *força ilocucionária* – o que se quis dizer. A separação do ato *locucionário* e sua força pode ser considerada um importante recurso da palavra escrita e uma de suas manifestações é a metáfora (sobre o assunto por exemplo John Searle *Os actos de fala*, Livraria Almedina, 1984. Publicado no Brasil pela Martins Fontes). Entretanto é preciso lembrar que muitos contos populares (também

chamados “maravilhosos”, de “encantamento” ou de “fadas”) nada mais são do que ricas metáforas a respeito da existência humana. Pois é.